

# Desejos X Cibernética X Internet

Luiza Helena Guimarães<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Atualmente a vida humana encontra-se imersa nos dispositivos comunicacionais, onde pode ser apreendida, quantificada e qualificada, tornando-se responsabilidade de cada um o que irá emergir a partir desta conjunção de forças. Tem-se hoje que a comunicação mediada por computador requer a ação humana para estabelecer o contexto de relações diante das possibilidades oferecidas pelo meio. A vida conectiva na hibridação homem-máquina atrai uma conjugação de forças sociais de produção, material e imaterial, envolvendo desejo e inteligência em rede rizomática de singularidades não domesticáveis e dinamizadas pelo poder de afetar e ser afetado. Trata-se da possibilidade de criar um mundo entre aquilo que nos é apresentado como sendo imperativo e o nosso próprio desejo.

**Palavras-Chave:** Desejos; Cibernética, Ciberespaço, Rizoma e Internet.

---

## **Introdução:**

Colocados diante do fato das máquinas mediar os homens, faz-se necessário cartografar o devir humano da máquina. Na co-evolução entre o homem e a máquina, a questão que se impõem, mais importante do que tentarmos saber o quanto estamos nos tornando *cyborgs*, é sobre a dinâmica dos desejos. Esta dinâmica, baseada na experimentação e na criação, vem modulando a sociedade através de um jogo entre limites. Com as mediações tecnológicas, tem-se que ao acionarmos um comando computadorizado entramos em contato com a um contexto semântico já dado, porém, percebe-se que só a intervenção humana é capaz de estabelecer o conteúdo dos protocolos técnicos de internet. Diante disto, a cibernética, o ciberespaço e a internet serão analisados como espaço destinado ao comando, controle, mas também de produção de subjetividade com base nos desejos individuais e coletivos.

## **Materialidade (Cibernética) X Imaterialidade (Ciberespaço):**

Sendo o processo de receber a informação uma interação entre o corpo e o ambiente, este interessa à comunicação e ao controle. A Cibernética que tem origem na

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ e Doutoranda do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Psicologia Clínica da PUC/SP.

palavra grega *Κυβερνήτης* e significa piloto, governador, foi definida por Norbert Wiener durante as Conferências Macy, na década de 50. Ela tinha por finalidade desenvolver uma linguagem e técnica que possibilitasse estudar os problemas da comunicação em geral e do controle de “mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre as máquinas e a máquina” (WIENER, 1954, p.16).

A informação que trocamos com o mundo, conforme o percebemos, é uma medida de organização de um grupo de mensagens recebidas, enquanto que a entropia é uma medida de desorganização. As máquinas de comunicação podem exemplificar processos anti-entrópicos por conterem a tendência da Natureza para desordem. Para Wiener<sup>2</sup>, tanto quanto os organismos vivos, as informações mediadas pelas máquinas adquirem uma forma adequada à natureza complexa das comunicações na sociedade. Com o mecanismo de *feedback* a informação se volta para dominar a entropia, isto através da organização e ajuste intencional de uma seqüência temporal entre eventos. Diferentemente de como acontece no homem e no animal, que têm uma sensibilidade cinestésica, o *feedback* na máquina é dado pelo controle da informação com base nos resultados de seu desempenho, ou seja, em vista de ações passadas, em vez se basear no desempenho esperado que prevê ações futuras. Porém, o controle da informação, o *feedback* na máquina e no homem depende de elementos sensórios e motores que informem a sua ação. Assim é controlada a tendência natural que têm para desordem.

As mensagens, como nós, estão imersas em um mundo que obedece a lei da Termodinâmica, segundo a qual quando a entropia aumenta, a ordem diminui. Wiener leva em conta a necessidade de haver organização para que se tenha uma mensagem e, metaforicamente, analisa o organismo como sendo similar a mensagem. Ele dizia que ou os seres vivos resistem ao fluxo de desintegração pelo processo de homeostase, ou morrem. Os mecanismos homeostáticos do homem obedecem a padrões de *feedback* (realimentação negativa ou retroalimentação) do mesmo modo aos descritos para autômatos. Reproduzimos padrões! A medida em que vivemos nos transformamos e os padrões mantidos são incorporados em nossa conduta. “Não passamos de remoinhos num rio de água sempre a

---

<sup>2</sup>Do mesmo modo que Wiener, Leibnitz também se preocupava com a mensagem em termos comunicacionais. Com a idéia de comunicação, Leibnitz, pensava a totalidade do mundo como uma coleção de seres chamados “mônodas” e a interação mecânica entre elas como consequência de uma interação ótica, isto é, da comunicação por imagens visuais. A linguagem da computação, um cálculo lógico ou *Calculus Ratiocinatur*, que antecedeu a lógica matemática, é uma extensão da idéia de linguagem artificial, só que analisada por Leibnitz a partir da visão da ótica. Também ele estava interessado na comunicação através de máquinas, entre autônomos, e, portanto, buscava entender os problemas relacionados à linguagem de computação.

correr. Não somos materiais que subsista, mas padrões que se perpetuam a si próprios” (p.95). O padrão é uma mensagem que pode ser transmitida. Wiener analisa a entropia, o caos, pela dimensão visível, aquela que pode ser percebida, ordenada e operada.

Temos que Wiener ao igualar o homem à máquina através do mecanismo de *feedback* iguala o homem à matéria e, portanto, ambos podem ser modificados a partir das trocas de informações. É deste modo que a informação se volta para dominar a entropia. Assim, a teoria dos sistemas dinâmicos, cibernética, começando com a idéia de *feedback*, tenta redefinir o conceito de humano através de sua equiparação à máquina, isto, conforme já foi dito, por ambos poderem ser vistos como processadores de informação. Donna Haraway recentemente radicaliza esta teoria em direção ao *cyborg*, Katherine Hayles no livro “How We Became Posthuman”, define informação de acordo com Claude Shannon, que por sua vez, se baseou em Wiener.

É através da Termodinâmica que podemos constatar que o mundo não está em equilíbrio, ele é instável, isto é, existe um movimento constante entre composição e decomposição das ordens constituídas. O caos em que o mundo está imerso pode não ser, conforme afirmou Wiener, um proceso irreversível de destruição que se não ordenado conduz a morte. Considerando-se a dimensão processual do mundo, ele é “entendido como portador virtual de uma irreversível complexificação do mundo, da qual a destruição é apenas uma das possibilidades” (ROLNIK, p.3). Isto, se pensado do âmbito da ecologia das subjetividades, tomando-se a alteridade como caus e devir-outro, equivale a analisar a alteridade do ponto de vista do invisível que encarna em nós e opera uma permanente produção de diferença. Para dar conta da complexificação do mundo, deseja-se a dimensão invisível, inconsciente da alteridade.

Se o inconsciente é propriamente essa dimensão da alteridade onde se engendram as diferenças, podemos dizer que ao lado da tomada de consciência, faz-se necessária uma "tomada do inconsciente", isto é, uma ativação do inconsciente de modo a criar condições de fazer escolhas que sejam operadoras de processualidade. (Idem, p.16).

Reunindo a cibernética e o espaço, em 1984, William Gibson em *Neuromancer* cria o termo ciberespaço, que dizia respeito a uma “alucinação consensual” acessada quando o usuário se conectava a um computador. Gibson utilizou dois conceitos ligados à teoria da informação, imaterialidade e simulação, para criar um espaço imaterial. O ciberespaço da ficção gibissoniana poderia ser habitado por corpos imateriais, visto que os corpos conectados

a implantes neurais se desconectavam do mundo físico e entravam no mundo da informação e da simulação. Por outra via, em 1989, o cientista de computação Tim Berners-Lee cria a *World Wide Web*,<sup>3</sup> desenvolvida como uma ferramenta que permitiria compartilhar informações acadêmicas. A *WWW* é um protocolo que permite ter endereços de internet e *links* e compõem a base do funcionamento da rede mundial de computadores.

### **Internet X Rizoma:**

A internet, meio material da “alucinação consensual”, foi projetada durante os anos 50 no intuito de descentralizar o sistema de comando e controle militar, pois, no caso de um ataque nuclear, se Nova York fosse atingida haveria uma base de funcionamento em Nevada. Sem um alvo centralizado não poderia haver a destruição total do comando, reduzindo assim os danos de um possível ataque. A organização através das redes de comunicação é flexível, adaptável e distribuída, contrária à hierarquia, a burocracia e a centralização, presentes na rígida cadeia de comando militar. Atualmente, a descentralização do comando e controle é realizada por protocolos de rede, um algoritmo que pode representar alguns tipos de diagramas referentes à distribuição de trabalho, não sendo nem horizontais e nem verticais. O diagrama de rede distribuída (ver ilustração 1) leva em conta à emergência de trocas entre atores sociais autônomos e deslocados em relação ao centro sendo, portanto, interessante para estudar os mecanismos de controle na sociedade contemporânea. Nele X e Y podem se conectar através de inúmeros caminhos.

Este descentramento é parte de um processo maior relacionado ao pós-modernismo e se refere mais diretamente a transformações na linguagem de programação dos computadores. Passa-se de um código de escrita de programação linear, mais centralizada, para programação orientada para objeto, mais modular. A rede distribuída não tem nenhum centro de comando que se estende em direção à periferia. Se o Panóptico representava o diagrama de rede centralizada, o que melhor é capaz de descrever a rede distribuída é o rizoma, conceituado por Deleuze e de Guattari em *Mil Platôs*.

---

<sup>3</sup> A funcionalidade da Web se deve: a [URL](#), que especifica como cada página pode ser encontrada através de um endereço único; o [HTTP](#), que especifica como o navegador e servidor trocam informações ([protocolos](#)); e o [HTML](#), um programa que codifica informações de modo que possam ser exibidas em uma grande quantidade de dispositivos. Tim Berners-Lee hoje encabeça o [World Wide Web Consortium](#) (W3C) onde desenvolve e mantém, entre outras, estas especificações. Disponível em: <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/>. Acessado em: 10/01/2007

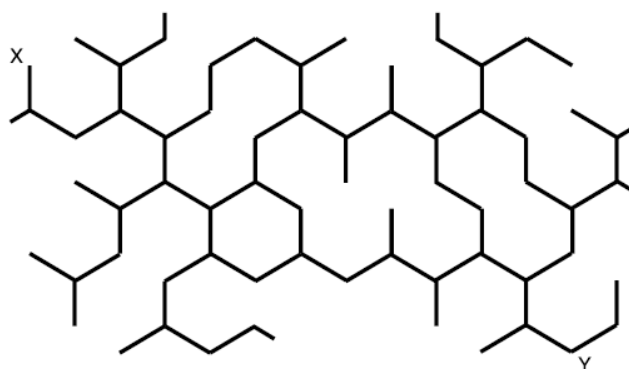


Ilustração 1  
Diagrama de Rede Distribuída<sup>4</sup>

Deleuze e Guattari descreveram o rizoma relacionando-o a produção de linhas de fuga de diferentes velocidades, movimentos de desterritorialização e desestratificação, que constituem os agenciamentos e as conexões entre agenciamentos maquínicos de diferentes tipos. Numa estrutura rizomática não existem pontos ou estruturas fixas, como as das árvores ou das raízes, não sendo, portanto, reproduzível. “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.15). Ele opera por variações, ramificações, conexões, extensões e conquistas. Em outras palavras não é linear, é cíclico ou circular; cada ponto dele pode se ligar a um ponto qualquer diferente de si e que não, necessariamente, tenha feito parte de sua cadeia original. “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (p.15). Ele efetua um descentramento sobre todas estas dimensões. À medida que cresce, muda de natureza respondendo as leis da combinação, isto é, sem relação com o uno representado por um sujeito ou objeto. Deleuze e Guattari compararam a multiplicidade à atividade dos tecelões de fazer uma trama e afirmam que “multiplicidades são rizomáticas” (p.16). Assim os “tecelões” tecem agenciamentos e fazem crescer as dimensões de uma multiplicidade, descentralizada. As variações, diferenciações de natureza do rizoma ocorrem através do crescimento das conexões em rede. Em um rizoma existem linhas de fuga,

<sup>4</sup> GALLOWAY, A. **Protocol: How Control Exists after Decentralization**. The MIT Press, London-England, 2004, p. 35.

que variam seus movimentos e suas velocidades, não pontos sedimentares, que representam estratos e, portanto, podem ser sobrecodificados. Assim, não é possível haver cortes capazes de separar ou atravessar sua estrutura de modo a conter suas linhas, pois o rizoma sempre retomará o crescimento em outra linha. Não tendo início nem fim, eles têm um meio por onde crescem suas linhas. A cada territorialização, estratificação, codificação das linhas do rizoma segue-se linhas de desterritorialização, uma constante mutação “entre-linhas” em fuga. "O rizoma é uma antigenealogia" (p.32). Conseqüentemente, o princípio de cartografia e de decalcomania de um rizoma não é passível de explicação através de um modelo estrutura profunda ou de eixo genético, pois eles são reprodutíveis ao infinito. O decalque se refere a algo já feito usando uma estrutura que o suporte. O rizoma é um mapa, alternativa política para problemas, tem a força do desejo e se move e se produz do mesmo modo que um performer.

Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução. [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida "competência" (p.21-22).

No digrama de rede distribuída durante uma conexão um nó pode se comunicar com outro sem a intermediação de um *hub* central, sendo assim as linhas de distribuição se mantêm fora da totalidade, são segmentadas e, por isso podem tomar rotas alternativas. Isto representa uma vantagem tendo em vista que quando as estruturas de uma comunicação são abaladas ou destruídas em um ponto, outros podem assumir. A rede distribuída é operada por agentes autônomos de acordo com a linguagem dos sistemas, ou seja, segundo os protocolos próprios da rede mundial de computadores.

Para melhor elucidar esta discussão, seria necessário examinar os protocolos de rede, modo através do qual é exercido o controle e o comando tecnológico. De uma forma geral, os protocolos de internet são avaliados por RFCs (*Requests for Comentes*) que atuam como uma impressão digital do de tudo que acontece. São importantes para a crítica teórica e instrumentos de grande potencial para *designers* de *softwares*. Já os RFC (*Requirements for Intenet Hosts*) ou simplesmente hospedeiros são os que definem a internet como uma série de

redes interconectadas. Eles executam as informações de programas em nome dos usuários. Um terceiro, o TCP (*Transmission Control Protocol*) é o protocolo o mais comum e trabalha muito próximo ao IP (*Internet Protocol*) para assegurar que os dados enviados via IP cheguem corretamente. Assim, regula o fluxo da informação e verifica se a mensagem chegou ao destino. O TCP está vinculado a sua qualidade referida por robustez, isto é, comunicação de confiança via web. O TCP e o IP trabalham em conjunto para criar um suíte de protocolos, TCP/IP, sendo que o IP é responsável pela movimentação (roteamento e fragmentação) de pequenos pacotes de dados chamados de *datagrams*. O roteamento seleciona o trajeto de dados através de uma rede. É um sistema flexível a que se segue o processo de *hopping*, por meio do qual os dados são passados em cadeia de computador a computador.

A importância de descrever este sistema está no fato de que com o roteamento nenhum dos computadores da corrente dos *hops* (saltos) sabe o destino final de seus *datagrams*, porém sabem o destino geral, ou seja, o sentido próximo por onde passam os *datagrams*. Caso haja defeito na passagem, o computador fonte é alertado, ele então, esconde o passo seguinte e utiliza outra rota de forma que nenhum nó da rede saiba o destino final de um *datagram*. A segunda responsabilidade do IP é a fragmentação<sup>5</sup> que facilita a comunicação *peer-to-peer*, comunicação sem intermediação de um *hub*. Assim, o TCP/IP se assemelha um rizoma. Resumindo: ele tem uma linguagem universal; detém como característica se robusto, flexível, ao contrário de ter uma estrutura rígida; sua estrutura é aberta e ilimitada em termos de conexões entre computadores ou “agenciamentos de encontros”<sup>6</sup>.

Entretanto, simultaneamente, tem-se um outro sistema de controle através de protocolos de rede, intrínseco a todos processos de comunicação e de organização social, que é hierarquizante. O DNS (*Domain Name System*) é responsável por traduzir endereços da Internet de nomes (por exemplo, [www.entanglednet.org](http://www.entanglednet.org)) para números (um endereço de IP). Isto é importante porque, para os ser humano, é mais fácil guardar nomes do que números.

---

<sup>5</sup> Quando as mensagens emitidas são grandes para serem enviadas de uma só vez, elas são fragmentadas em diversos pequenos *datagrams* e enviadas através da rede individualmente. Posteriormente, os *datagrams* são coletados e remontados para recrear a mensagem original. Cada rede física tem seu próprio ponto inicial e sua capacidade de acomodação limitada pelos pacotes de maior tamanho. Assim, grandes *bandwidths* (banda larga) acomodarão pacotes grandes e vice-versa, mas devido à fragmentação, as mensagens tornam-se suficientemente flexíveis para caber numa escala de redes com diferentes pontos iniciais para diferentes tamanhos de pacotes.

<sup>6</sup> Sobre agenciamentos de encontros ver: GUIMARÃES, Luiza. H. F. **Enredar: "A arte de organizar encontros"**. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Portugal, p.01 - 11, 2006.

Este sistema de controle opera como uma árvore invertida que contém como fundamento uma base de dados descentralizada. O DSN é um sistema de gerenciamento de redes hierárquico, pois o DNS relativo a um nó é equivalente ao trajeto da raiz da árvore ao nó. A corrente de autoridade segue do ponto o mais geral até que o endereço numérico seja obtido, já que o nível mais alto na rede só pode informar a zona imediatamente abaixo, ou seja, só pode responder em relação a zona sobre a qual tem autoridade<sup>7</sup>. Mas este sistema é também distribuído, no que diz respeito ao do banco de dados e, por ser distribuído é também é ilimitado em relação ao seu tamanho. Sob a lógica do controle por protocolo Galloway diz: “(...) protocolo se baseia na contradição entre duas tecnologias de máquina: um controle radicalmente distribuído dentro de um local autônomo (exemplificada aqui pelo TCP e pelo IP), e o outro controle focado em uma rígida hierarquia (exemplificada aqui pelo DNS) (2004, p.50).<sup>8</sup> Neste caso, o DNS sugere que o protocolo é um sistema universalizante por fazer um único mapa para toda humanidade, enquanto o protocolo TCP/IP mostra-se materialmente imanente, “isto é, o protocolo não segue um modelo de comando e de controle que coloca o agente comandante fora daquele que está sendo comandado” (p. 50)<sup>9</sup>.

Os protocolos encapsulam a informação em várias camadas distintas e não executam nenhuma interpretação por eles próprios. Com base nestes dados se pode afirmar que os protocolos não representam ou interpretam alguma coisa, elas não significam algo, eles dizem respeito à física ou à lógica. O limite de um sistema assim organizado é o exato limite das possibilidades da programação.

Da análise topológica das redes tecnológicas têm-se que elas suportam dois sistemas, um de desterritorialização e outro de reterritorialização. Porém, mais recentemente poderosos motores de busca, principalmente o Google, vêm produzindo uma outra dinâmica nas relações de forças horizontalizantes, não hierárquicas e não centralizada, através de

---

<sup>7</sup> No alto da árvore invertida estão servidores de *root* (raiz). Estes têm a autoridade sobre os domínios como com, net, edu, e org. Cada ramo da árvore controla uma zona diferente do espaço, delegado a um usuário hierarquicamente mais baixo na árvore. Por exemplo, a fim encontrar o endereço “*www.entanglednet.org*” obrigatoriamente é feita uma pergunta ao servidor de raiz, onde se encontra a zona do domínio “org”. Seguindo em cadeia, o servidor conhecido por “org” que foi perguntado, responde sobre o local onde se encontra hospedado “*entanglednet*” dentro da zona do “org”. Depois, “*entanglednet*” é perguntado e responde com um endereço numérico (com o IP) para o computador da “www” que vive dentro do domínio do “*entanglednet*”.

<sup>8</sup> (...) protocol is based on a contradiction between two opposing machinic technologies: One radically distributes control into autonomous locales (exemplified here by TCP and IP), and the other focuses control into rigidly defined hierarchies (exemplified here by DNS). A tradução é nossa.

<sup>9</sup> That is, protocol does not follow a model of command and control that places the commanding agent outside of that which is being commanded. A tradução é da autora.

agenciamentos e conexões entre agenciamentos. Se o DNS remetia a imagem das Árvores ou das Raízes, a dicotomias capazes de fixar uma hierarquia, o ato de “googar”,<sup>10</sup> mesmo usando inúmeros protocolos de transferências e representações de textos e imagens, faz desaparecer estruturas fixas e profundas conforme as da cultura arborescente e cria movimentos que operam ao modo do rizoma, ou seja, por variações, ramificações, conexões, extensões e conquistas. Não é linear, é cíclico ou circular; cada ponto dele pode se ligar a um ponto qualquer diferente de si e assim se pode seguir até a final da explicação dada anteriormente em relação ao rizoma, ou ainda conforme uma citação, aquela em que Deleuze e Guattari comparam-no a um mapa que pode ser rasgado, revertido, modificado, que pode pertencer a um indivíduo ou a uma coletividade, enfim, que diz respeito a uma questão de performance e, portanto, sem uma presumida competência.

### **Tecnologias X Subjetividades X Desejos:**

As transformações tecnológicas não pararam, no Cern (Conselho Europeu de Pesquisa Nuclear), na Suíça, está entrando em operação o LHC (Grande Colisionador de Handrons) que foi projetado para reconstruir as condições que existiam no universo menos de um bilionésimo de segundo depois do que os cientistas convencionaram ser o começo do Tempo, ou seja, quase no momento do Big Bang.

Depois da criação da *WWW*, também desenvolvida no Cern, estamos diante do que poderá revolucionar o modo através do qual acessamos as informações. Durante cada evento (colisão de partículas) o LHC irá gerar um volume de dados em torno de 15 petabytes, ou milhares de vezes a base de dados do Google. A busca para solucionar o problema relativo ao armazenamento dos dados, levou os cientistas do Cern a criação de um sistema denominado de *Grid* (Grelha). É também um sistema descentralizado, porém altera o modo de processamento e distribuição de dados que, ao invés de distribuí-los entre os servidores (DSN), possui alguns locais especialmente projetados para isto. Na prática significa que ao ligarem o computador na tomada já obtém os dados, como se fosse eletricidade. O que surgirá desta conjunção de forças, que implicações trará para a política, a economia, a arte e a sociedade, que linhas de fuga serão criadas a partir deste paradigma? São perguntas que ainda

---

<sup>10</sup> O verbo *to google* foi adicionado oficialmente ao dicionário do inglês de Oxford (OED) em 15 de junho 2006, e à 11ª edição do dicionário Merriam-Webster Collegiate em julho 2006. No grupo da Usenet já consta desde 10 de outubro de 1999. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Google\\_\(verb\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Google_(verb)) Acessado em: 24/01/2006. (modificado) A tradução é nossa.

não podem ser respondidas. Porém, como este é um projeto que já está sendo desenvolvido cerca de dez anos, hoje, diante inclusive do barateamento dos componentes eletrônicos de computação, poderá ser repensado.

O Google está desenvolvendo um projeto que remete ao sistema *Grid*, chamado *cloud computing* (computação nas nuvens) em que o PC estará diretamente ligado à internet. Formará uma "grande nuvem" de computadores em que todos os dados pessoais arquivados estarão disponíveis na internet, tanto quanto os softwares e os sistemas operacionais. Em parte, isto já é uma realidade! No futuro bem próximo os sistemas que estarão rodando nas máquinas servirão apenas para suportar o *browser*.

Em 1945, Vannevar Bush em *As We May Think*, Como Podemos Pensar, expunha a Teoria do Memex. Preocupado com a limitada capacidade do cérebro humano em memorizar informações, Bush, antecipou muito do que caracteriza as atuais tecnologias de informação e comunicação. Ele anteviu que dificilmente as tecnologias igualariam a velocidade com que o cérebro humano faz associações, entretanto, ele seria ultrapassado em relação à memória, sua capacidade e clareza dos registros. O Memex, genes de memória cultural, e o cérebro têm em comum não seguirem associações de acordo com hierarquias. Conforme previu Bush, a internet realmente se configurou neste grande, em termos de qualidade e quantidade, banco de dados que guarda a memória da civilização e que pode ser acessado de modo descontínuo, pelo meio, como o rizoma, através de associação, do mesmo modo que cérebro apreende as idéias e se movimenta no tempo.

Na co-evolução (co-criação) entre os seres humanos e as máquinas, ambos estão em constante mutação. As invenções tecnológicas são extensões de nosso corpo que trazem novas relações, afetando nossos sentidos e sensações. Desejos oriundos de fontes diversas, conjugando a vida cotidiana e as atividades criativas, geram cada vez mais subjetividade contemporânea. A biopotência como potência de vida da multidão é uma virtualidade que envolve cérebros e corpos fazendo a vida e produção serem uma só coisa. A vida tendo sido estetizada, as subjetividades exteriorizadas e quantificadas, sendo objeto de informação e código, tornou-se meio. Faz parte da dinâmica de forças humanas superpostas as forças de administração e controle da internet, só existindo, efetivamente, se agregadas a agenciamentos sociais e políticos.

Sabe-se que tecnologias de controle são usadas para afetar estatísticas, interpretar dados e usá-los como informação, como pré-visão, uma força controladora da vida biológica e social. Por outro lado, as avaliações feitas através de filtros colaborativos efetivamente agrupam diferenças. Os motores de busca (do Google, já citado pela capacidade de produzir agenciamentos) trabalham juntos no sentido de assegurarem a homogeneidade estrutural, isto enquanto os usuários experimentam a externalização de seus desejos, através das ferramentas disponíveis nas redes de comunicação para lhes fornecer suporte. Muitas vezes as pessoas procuram adequar seus perfis a modelos hegemônicos de comportamento, o que também favorece a homogeneidade, porém, em contrapartida grupos de afinidade e de interesse tem sido rapidamente criados, favorecendo a emergência da diferença.

No entanto, a invenção em tempo presente surge como forma de resistência contra mecanismos de predição do futuro. Pirandello, na peça “Assim é, se lhe Parece”, sugere que as coisas são de acordo com o modo que pensamos a respeito delas. Mas, no atual diagrama de forças, nós não só somos para o outro aquilo que parecemos ser, como nos tornamos o reflexo do olhar do outro. Mediados através das redes de comunicação e informação, temos a possibilidade de produzir o olhar do outro, cada um pode parecer ser aquilo que deseja parecer ser aos olhos dos outros, ou seja, podemos efetivamente criar e controlar o perfil que melhor nos serve a cada momento. Assim, a peça de Pirandello poderia hoje ter o título de: Assim sou, se quero me parecer. Ele se definia como um autor de tragédias e não de farsas. Dizia que a vida era uma tragédia porque o homem era obrigado pela lei a ser um. Na peça “Um, Nenhum, Cem Mil” ele defendia a liberdade de escolha, defendia que cada qual poderia escolher ser um, ou nenhum, ou cem mil. Ainda “brincando” com os títulos das peças de Pirandello, em face dos mais diferentes interesses pessoais, que seja “Cada Um a Seu Modo”, fazendo sentido apenas no presente, a cada momento. Não esquecendo que a “platéia” já dissolveu os limites que a separavam do “palco”, ela tomou seu lugar no “palco”, e se implantou no espaço e no tempo da ficção que é a própria realidade. Podemos dizer que a vontade de Pirandello se vê ampliada na potência de criar da multidão pós-moderna.

### **Bibliografia:**

ANTOUN, H. **A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura**, In: FRANÇA, V., WEBER, M. H., PAIVA, R. e SOVIC, L.(orgs). Compôs XI: estudos de comunicação, ensaios de complexidade, Sulina, Porto Alegre ,2003.

BRUNO, F. **Dispositivos de Vigilância no Ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas**. Compós, Unesp, Bauru, SP, 2006.

BUSH, V. **As We May Think**. 1945. Disponível em: <http://www.chaves.com.br/TEXTALIA/BUSH/aswemay.htm>. Acessado em: 24/01/2006

DELEUZE, G. e GATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Editora 34. São Paulo, 1996.

GALLOWAY, A. **Protocol: How Control Exists after Decentralization**. The MIT Press, London-England, 2004.

\_\_\_\_\_. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006

GATTARI, F e ROLNIK, S. **Cartografias do Desejo**. Vozes. São Paulo, 2002.

GUIMARÃES, Luiza. H. F.. **Enredar: "A arte de organizar encontros"**. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Portugal, p.01 - 11, 2006.

GUIMARÃES, L.H. **Laboratório *Entanglednet*: dispositivos comunicacionais com a marca do desejo**. Dissertação, UFRJ/ ECO/ CFCH, Rio de Janeiro, 2007.

KERCKHOVE, D. **A Pele da Cultura**. Mediações. Lisboa, 1995.

LOGAN, R. **The Sixth Language – Learning a Living in the Internet Age**. Stoddart Publishing Co. Limited. Toronto, CA, 2000.

MANOVICH, L. **The Language of New Media**. MIT Press, London-England, 2001.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre o Império**. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.

ROLNIK, S. **À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acessado em: 10/07/2008.

WIENER, N. **Cibernética e Sociedade: o Uso Humano de Seres Humanos**. Ed. Cultrix, São Paulo, 1954.

WERTHEIM, M. **Uma História do ESPAÇO: de Dante à Internet**. Jorje Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.